

# ENCAPSULAMENTOS E ATRIBUIÇÕES EM TEXTOS DO GÊNERO CRÍTICA DE CINEMA E TV

Monclar Guimarães Lopes  
[monclarlopes@ibest.com.br](mailto:monclarlopes@ibest.com.br)

## INTRODUÇÃO

Embora Funcionalismo e Lingüística Textual tenham uma visão bastante harmônica no que tange à conceituação de língua, até o momento, esses paradigmas percorreram caminhos distintos – o primeiro tem explicado as regularidades no nível da estrutura lingüística; o segundo, a constituição e os propósitos da textualidade; fator esse decorrente de diferentes escopos de análise: ao primeiro, coube o nível da frase; à segunda, o transfrásico.

Não obstante, o advento da Gramática Discursivo-Funcional, uma nova versão teórica funcionalista que vem sendo desenvolvida por Hengeveld & Mackenzie (2006; 2008), parece possibilitar uma interface entre Funcionalismo e Lingüística Textual, uma vez que tem como escopo não só a cláusula, mas também segmentos maiores, a saber: o texto, o discurso<sup>1</sup>.

Na crença de um modelo funcionalista que consiga analisar tanto estrutura gramatical quanto textos e segmentos de textos, resolvemos aliar, neste trabalho, GDF e lingüística textual sob o prisma da Referenciação, no intuito de observar diferentes níveis de retomada e remissão referenciais, como já propõem, embora não desenvolvessem, Hengeveld & Mackenzie (2008, p. 05):

- 1) Anáforas do nível interpessoal (pragmático):

A: - Saia daqui!

B: - Não fale comigo *assim*!

- 2) Anáforas do nível representacional (semântico):

A:- Há muitos semáforos nesta cidade!

---

<sup>1</sup> Embora o Funcionalismo norte-americano considere o discurso como um componente da gramática (cf. Traugott, 1989), seus objetos de estudo têm se restringido aos fenômenos morfossintáticos.

B: Eu não notei *isso*.

3) Anáforas do nível morfossintático:

A:- Eu comi 'lamb chops' noite passada.

B: - É *assim* que vocês dizem 'chuletas de cordeiro' em inglês?

4) Anáforas do nível fonológico:

A: - Eu comi /tʃuˈletasdekorˈdero/ noite passada?

B: - *Isso* não deveria ser /ʃuˈletasdekorˈdero/?

De acordo com tais teóricos, em (1B), o elemento anafórico *assim* faz remissão à estratégia comunicativa escolhida por (1A), razão pela qual pertence ao nível pragmático; em (2B), *isso* faz remissão à situação extralingüística descrita por 2A, por isso pertence ao nível semântico. Já as referências (3B) e (4B) são diferentes por serem de natureza metalingüística, isto é, são *mensagens sobre o código* (Jacobson 1971 *apud* Hengeveld & Mackenzie, 2008:05).

Dessa forma, sob a égide da GDF, pode-se conceber em que extensão a referência sofre motivações de cunho pragmático, semântico ou gramatical, o que vem a favorecer um novo estudo tipológico da referenciação. Vale ressaltar que a Lingüística Textual não prevê esses níveis lingüísticos, que permitem a análise de anáforas tanto no território do léxico, quanto no da gramática.

No entanto, pela extensão e natureza deste trabalho, delimitou-se a pesquisa à análise de dois fenômenos, a saber: os encapsulamentos e as atribuições na referenciação<sup>2</sup>. Os motivos que nos levaram a tais escolhas foram os seguintes: (i) os encapsulamentos não selecionam aleatoriamente porções anteriores do texto. A seleção pelo encapsulamento de elementos contextuais ou por diferentes conteúdos no nível da representação - a saber: de atitudes ou conteúdos proposicionais, estados-de-coisa, episódios, causa, modo e atividades lingüísticas - afeta o desenvolvimento argumentativo do texto; (ii) as atribuições desempenham um papel fundamental não só para a argumentatividade do texto, como também para o próprio processo de referenciação.

---

<sup>2</sup> Por encapsulamento, compreendemos o fenômeno de remissão a predicções ou porções do texto previamente citadas através de sintagmas nominais; por atribuição, as qualidades, características e/ou propriedades designadas a um referente.

Para nossa análise, recorreremos a *corpora* de cunho argumentativo, críticas de televisão e cinema, extraídos do jornal *A Folha de São Paulo*. A escolha de tais textos deve-se à acessibilidade, à diversidade de autores e ao caráter altamente avaliativo desse gênero discursivo. Nele, além da variedade no estilo, encontramos diferentes níveis de envolvimento do autor com a sua crítica: do menos ao mais parcial, o que, sem dúvida, favorece diferentes tipos de categorização e remissão.

Acreditamos que a relevância de tal trabalho se encontra na interface de duas linhas que, apesar de possuírem visão de língua semelhante e de serem complementares, como asseverado previamente, percorrem caminhos diferentes na maioria dos estudos. De um modo geral, o que se pretende aqui é fazer algo semelhante à proposta de Neves (2006): aliar gramática e texto.

## O “PROBLEMA” DA REFERÊNCIA E DA SIGNIFICAÇÃO

A relação linguagem-mundo é uma investigação antiga nas ciências lingüísticas. Desde os estóicos, questões acerca da natureza e o lugar do acontecimento semântico tem recorrência nos estudos da linguagem: como e quando eclode a significação? Em que momento irrompe o significado? Qual é o mecanismo da semiose, enfim? (cf. Blinkstein, 1985).

Tais questionamentos levaram estudiosos a duas perspectivas dominantes no estudo da referência: uma lógico-semântica, de tradição formalista, e outra mais recente, sociocognitivista interacionista.

Grosso modo, a distinção entre as duas linhas se dá pela primeira defender que a relação língua-realidade é biunívoca (visão da língua como “espelho” do mundo) e a segunda, uma construção intersubjetiva mediada pela práxis (visão da língua como “fabricação” da realidade).

Não obstante, o antagonismo, isto é, a não-complementaridade expressa por essas perspectivas levou-nos a um impasse: qual delas estaria correta, uma vez que uma nega a outra? Afinal, seria o referente uma manifestação do real ou uma construção intersubjetiva que se elabora na práxis?

Propomos uma resposta a essa pergunta com base em uma nova teoria funcionalista que, ao contrário de outros funcionalismos vigentes, prevê a análise da referência: a Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), recentemente desenvolvida por Hengeveld & Mackenzie (2008).

No que tange à referência, tal teoria manifesta uma versão branda para a sua análise, pois defende a existência dos dois diferentes tipos de referente supracitados: um disponível e identificável no universo extralingüístico (visão lógico-semântica); outro elaborado na construção intersubjetiva da práxis (visão sociocognitivista interacionista).

Essa dupla possibilidade de interpretação da referência, na GDF, advém de um amplo modelo da interação verbal do usuário natural da língua, que trabalha com um modo descendente, partindo da intenção do falante (componente de entrada) até a articulação (componente de saída), o que acarreta, por sua vez, uma hierarquia de quatro diferentes níveis de formulação e codificação linguística: interpessoal (ou pragmático), representacional (ou semântico), morfosintático e fonológico. O primeiro representa referentes construídos na situação pragmática, o segundo, referentes ancorados no universo extralingüístico ou em universos discursivos estereotipados, e os dois últimos, referentes do nível gramatical.

Apesar da existência de quatro níveis, à nossa pesquisa, interessam apenas os dois primeiros, uma vez que os fenômenos aqui analisados, os encapsulamentos e as atribuições, inserem-se apenas nas duas primeiras camadas de elaboração, motivo pelo qual descartaremos os dois últimos.

## O PROPÓSITO DA PESQUISA

A análise de fenômenos textuais através de uma abordagem funcionalista sugere algo ao mesmo tempo inovador e desafiador, já que, tradicionalmente, a linha funcionalista se preocupa com os estudos de gramática, e não do texto. E, apesar da GDF possibilitar o estudo da referência, ela é também uma teoria para estudo da morfosintaxe. Dessa forma, o nosso propósito foi o de elaborar uma metodologia de interpretação dos encapsulamentos e atribuições na GDF,

seguindo os pressupostos da teoria. Para tal, pesquisamos a fundo os dois primeiros níveis de elaboração da GDF e suas propriedades, observando de que modo os encapsulamentos e atribuições se encaixavam em tais camadas.

## UMA ABORDAGEM PARA OS ENCAPSULAMENTOS

Por encapsulamento, compreendemos o fenômeno de remissão a predicções ou porções do texto previamente citadas através de sintagmas nominais ou pronominais. Consideramos que o estudo tipológico desses elementos com foco tanto na situação da interação verbal quanto na representação lingüística seja um meio eficaz de compreender alguns recursos argumentativos nodais do texto. Abaixo, segue esse estudo tipológico. Vale ressaltar que, quanto à nomenclatura, optamos por utilizar o termo *encapsulamento* para o fenômeno de remissão a predicções e *encapsulador* para o termo responsável por tal fenômeno.

## ENCAPSULADORES DE CUNHO PRAGMÁTICO

Consideramos encapsuladores pragmáticos aqueles nomes que indicam um processo que está ancorado na situação discursivo-pragmática em que os participantes estão inseridos e que apresenta, na maioria das vezes, ausência de âncoras cotextuais. Eles podem ser:

### *Encapsuladores de Moves*

Que fazem remissão a uma unidade discursiva mínima, como uma pergunta, um alerta, uma argumentação etc. Veja:

(39) [...]O ponto de partida do filme foi um anúncio de jornal, em que o cineasta convidava mulheres a falar, num estúdio, sobre suas vidas. Oitenta e três se apresentaram, 23 foram selecionadas e filmadas em junho de 2006 no teatro Glauce Rocha, no Rio. Se Coutinho já encarava seus entrevistados como "personagens", em "Jogo de Cena" ele dá mais uma volta no parafuso, misturando depoimentos de mulheres "comuns" com falas de atrizes que reproduzem as mesmas histórias narradas por aquelas. Algumas dessas atrizes são muito famosas -Andréa Beltrão, Fernanda

Torres, Marília Pêra-, outras são desconhecidas do público, quase anônimas.

*O efeito desse ardiloso embaralhamento* é deixar o espectador sem chão, em dúvida sobre quais histórias são verdadeiras, quais são inventadas, e sobre quem, afinal, viveu o quê. [...]

Crítica/”Coutinho deixa o espectador sem chão”  
Folha de São Paulo, 07/12/08

### *Encapsuladores de Ilocuções*

Que fazem remissão a um ato de fala prévio, seja esse explícito ou implícito.

(41) [...] Eu irei razpar a cabeça na maquina zero se for campeão!!!! fiz *essa promessa* no jogo contra o Palmeiras e quinta rasparei a cabeça se Deus quiser!!!

Relato de Beto Gitirana

Em: <http://www.meusport.com/forum/showthread.php?t=64994>

### ENCAPSULADORES DE CUNHO SEMÂNTICO

Enquanto os encapsuladores pragmáticos se caracterizam por serem ancorados na situação discursivo-pragmática em que os participantes estão inseridos, os semânticos se caracterizam por serem ancorados não na situação, mas no mundo externo de que esses participantes falam. Eles podem ser:

### *Encapsuladores de estado-de-coisas*

Que nominalizam verbos de predicções prévias:

14) [...] No passado, a liberdade tanto podia ser essa, liberal, que conhecemos hoje (que, parece, a que está em crise financeira), como a que *foi sonhada pela humanidade a partir do desenvolvimento da indústria, sonho* segundo o qual as máquinas nos libertariam e trabalharíamos por nós. [...]

Crítica/ Em “Bourne”, Estado suprime liberdade  
Folha de São Paulo, 05/10/08

### ***Encapsuladores de atitudes e conteúdos proposicionais:***

Que fazem remissão, implícita ou explicitamente, ao estado psicológico do locutor ou do referente, através de palavras como *ordem, desejo, pedido, pensamento, etc.*

#### 43) A crença atesta

Os ateus acreditam que Deus (Criador) não existe. Se trata de **uma crença** na não existência de Deus. O que os diferencia dos agnósticos, onde eles acreditam que o homem não tem a capacidade para conhecer o absoluto. [...]

Filosofia Ateísta. Textos sobre ateísmo e filósofos ateus  
Em: <http://adrianoped.blogspot.com/2007/04/crena-atesta.html>

### ***Encapsuladores de episódio:***

Tratam da combinação entre estado-de-coisas, unidade ou continuação de tempo, lugar e participantes. Muitas vezes semelhantes a sintagmas adverbiais de tempo, os episódios remetem a um tempo psicológico, e não cronológico.

Não estão ali à toa, completam as personagens e nos situam na época por meio da provocação. Woody Allen é anárquico, não se compromete com nenhum tipo de poder. Zomba dele com uma barba mais falsa que promessa de campanha eleitoral. Está nos dizendo que só acreditamos no que aceitamos acreditar.

*Nessa fase* paleolítica, Allen já aponta seu estilo, que vai além de sua figura caricata de baixinho desajeitado com óculos de aros grossos. Casais em diálogos frenéticos apontam o que virá depois, com noivos neuróticos e pessoas curiosas para saber tudo sobre sexo.

Crítica/ "Bananas"  
Folha de São Paulo, 11/01/09

### ***Encapsuladores de modo:***

Representam encapsuladores de circunstâncias de modo previamente citadas ou criadas *ad hoc* no momento do encapsulamento.

(48) "Eu nunca esperava que pessoas saíssem de "A Rainha" tocadas por ela. Ficamos constrangidos, para ser honesto, com aquele grande entusiasmo sobre a monarquia. Mas não acho que isso acontecerá **da mesma maneira** neste filme, não haverá congestionamento de pessoas

se filiando ao Partido Republicano [...]

Crítica/"Filme mostra 'juízo' de Nixon"  
*Folha de São Paulo, 11/01/09*

### ***Encapsuladores de causa:***

Representam encapsuladores de circunstâncias de causa previamente citadas ou criadas *ad hoc* no momento do encapsulamento.

[...] No entanto, com "Zuzu Angel", temos um caso que por razões diversas (a mais evidente é a censura) ficou na sombra: o da estilista que, após o desaparecimento de seu filho durante a ditadura militar, torna-se uma intrépida mãe coragem e mobiliza céus e terras em busca de respostas.

Zuzu aparece aqui como personagem isolado em seu heroísmo. **Por isso mesmo**, o filme vale pela individualidade. [...]

Crítica/"Rezende faz valer a individualidade"  
*Folha de São Paulo, 23/11/08*

### ***Encapsuladores de atividades lingüísticas:***

São aqueles de função metalingüística.

[...] Ou seja, nunca nos é dito por que esse homem deseja se suicidar. Correu, na época do lançamento do filme, que esse homem seria homossexual, o que configuraria um duplo crime diante da lei islâmica (o primeiro sendo o suicídio).

A **explicação** está longe de ser convincente, ao menos à luz do que se vê no filme: Badii surge apenas como um sujeito com um carro em busca de alguém que preste um serviço.

Crítica/ "Essência escapa em 'O Gosto da Cereja'"  
*Folha de São Paulo, 16/11/08*

## **UMA ABORDAGEM PARA AS ATRIBUIÇÕES**

Para a GDF, há dois diferentes tipos de modificadores: um que pertence ao nível pragmático, de caráter avaliativo, o qual denomina atribuição; e outro que pertence ao nível semântico, de caráter não-avaliativo, que denomina propriedade.

## AS ATRIBUIÇÕES (NÍVEL PRAGMÁTICO)

Segundo Hengeveld & Mackenzie (2008), as atribuições têm papéis tão fundamentais quanto as próprias referências, uma vez que o ato de atribuir é tão acional, tão orientado para efetuar mudanças na informação pragmática do interlocutor quanto o de referir.

Inclusive, para Mackenzie (1987 apud Hengeveld & Mackenzie, 2008), *a escolha do material lexical e a quantidade oferecida derivam da estimativa do falante em como melhor influenciar o seu destinatário, sendo atribuição e referência os dois aspectos envolvidos no processo de evocação.*

Dessa forma, defendemos que só existirão atribuições com uma condição: se essas representarem uma atitude subjetiva do falante para com o referente, conforme afirmam Hengeveld & Mackenzie (2008): *no nível interpessoal, a modificação de um referente é limitado à expressão de atitude subjetiva do falante com relação às entidades evocadas pelo mesmo. Tais expressões são caracterizadas por possuírem as seguintes funções: aproximativa, enfática, atitudinal e reportativa do falante.*

### ***Modificadores do Subato de Referência***

São as funções adjetivas de caráter avaliativo.

(54) ***Intensa, irreverente, contraditória, autodestrutiva***, mas antes de tudo ***uma grande cantora***. Assim era Maysa (1936-1977), [...]

Crítica/ “Maysa é a nossa versão de Amy Winehouse”  
*Folha de São Paulo*, 11/01/09

### ***Operadores do Subato de Referência***

Os referentes podem sofrer atribuições não só de modificadores, como adjuntos adnominais, predicativos e orações adjetivas, mas também de operadores. Por operadores, podemos entender qualquer mecanismo que, apesar de não ser um modificador formal típico, admite essa função no contexto em que está inserido.

(57) [...] Não é diferente em "Showgirls" (TC Action, 0h20; não recomendado para menores de 18 ). Estamos no universo dos grandes shows de cassino em Las Vegas, cidade que simboliza a riqueza material: o dinheiro, que inclusive torna confusos o humano e o produto. Sobretudo quando são corpos de dançarinas como Nomi Malone (Elizabeth Berkeley), que *tem plena consciência* sobre seu físico ser um item de consumo, uma peça de carne a se degustar.[...]

Crítica/"Verhoeven retrata faroeste amoral"  
Folha de São Paulo, 03/08/08

### ***Modificadores do Subato de Atribuição:***

São modificadores de uma atribuição. Podem ser constituídos tanto por advérbios quanto adjetivos avaliativos.

(59) [...]Também fora de peso, *o politicamente incorreto* Shrek ganha nova franquia com uma fábula singela, em que ele tem de aprender o que significa o Natal para cumprir seu papel de paizão dos trigêmeos. É um subproduto, bem longe do humor que o ogro verde já produziu.[...]

Crítica/"Pançudos com orgulho"  
Folha de São Paulo, 21/12/08

### ***Operadores do Subato de Atribuição***

São expressões aproximativas (também de caráter avaliativo) do Subato de Atribuição, através dos quais o falante pode ser pouco ou completamente preciso.

50) Nesse ambiente de modesta aristocracia, em que os escravos negros parecem quase como parte da mobília das casas, a figura de Tiradentes é um corpo estranho e até incômodo, *uma espécie de porra-louca* que parece ser o único a acreditar de fato na insurreição.

Crítica/"Cineasta revisita Inconfidência com ironia"  
Folha de São Paulo, 07/09/08

### **AS PROPRIEDADES (NÍVEL SEMÂNTICO)**

Considerando que as atribuições são axiológicas, podemos depreender que as propriedades são não-axiológicas, uma vez que não evocam as atitudes subjetivas do falante, mas designam "objetivamente" os referentes sobre os quais discursam.

Hengeveld & Mackenzie (2008), ao considerarem tais elementos como altamente dependentes das palavras a que se referem, dividiram o estudo dos mesmos de acordo com as entidades que designam e chegaram à seguinte classificação: propriedades lexicais (de entidades de ordem zero), propriedades de indivíduos (de entidades de primeira ordem) e propriedades configuracionais (de entidades de segunda e terceira ordem).

Não obstante, uma vez que a GDF prevê propriedades de diferentes tipos, não só as do processo de referenciação, optamos por reorganizar as categorias supracitadas, com foco apenas nos fenômenos que abrangem tal processo. Dessa forma, dividiremos as propriedades em cinco macrocategorias, a saber: propriedades de núcleos compostos, propriedades modificadoras, propriedades operatórias, pseudo-propriedades e propriedades de segunda mão.

#### ***As propriedades de núcleos compostos:***

São aquelas que representam um outro referente.

(61) Dali partem todos, incluindo a dona da casa, para um restaurante nas redondezas, onde, quando estão prestes a fazer seus pedidos, descobrem que, num canto do salão, desenrola-se o velório do proprietário. [...]

Crítica/ “Buñuel mergulha na fantasia para ironizar donos do poder”.  
Folha de São Paulo, 31/08/08

#### ***As propriedades modificadoras:***

Ocorrem quando a designação a um referente se dá através de classes lexicais de caráter modificador, como adjetivos, advérbios, pronomes, etc. Subdividem-se em:

#### ***Modificador de constituição referencial:***

Que junto do seu núcleo designa uma entidade concreta e tangível, não podendo ser omitida no ato de referenciação.

Nesse ambiente de modesta aristocracia, em que os escravos negros aparecem quase como parte da mobília das casas, a figura de Tiradentes é um corpo. [...]

Crítica/"Cineasta revisita Inconfidência com ironia".  
*Folha de São Paulo, 07/09/08*

### ***Modificador de qualificação classificatória:***

Em que a propriedade serve para descrever objetivamente o referente (sentido não-axiológico):

(64) [...] Pois mais vale que pessoas tão sensíveis passem longe de "Tragam-me a Cabeça de Alfredo Garcia" (TC Cult, 11h45; não recomendado para menores de 12 anos). Pois alguém a trará -está feito o aviso. E vai executar um longo trajeto com a cabeça dentro de um saco. [...]

Crítica/"A censura parece vitimar só o imaginário"  
*Folha de São Paulo, 31/08/08*

### ***Modificador de qualificação identificatória:***

Em que a propriedade serve para a identificação do referente.

(65) [...] O filme mostra que, com toda sua humanidade, o legado de Nixon ainda é criminoso", disse, em mesa redonda em Nova York, com a Folha e mais cinco jornais, em novembro. [...]

Crítica/"Filme mostra 'julgamento' de Nixon."  
*Folha de São Paulo, 11/01/09*

### ***Modificador de quantidade:***

Em que a propriedade serve para a quantificação.

(66) Como desgraça pouca é bobagem, uma de suas filhas quebra o aparelho de audição, sem o qual não consegue estudar, e o filho sonha obsessivamente com uma criação de peixes.

Crítica/"Majidi filma com fé as provações de Deus"  
*Folha de São Paulo, 26/10/08*

### ***As propriedades operatórias:***

Tais propriedades ocorrem quando a designação de um referente não se dá através de modificadores, mas através de processos complexos. Subdividem-se em:

#### ***Operadores de localização endofórica:***

Processos que auxiliam na identificação do referente quanto à localização no texto.

(68) [...] Será que essa cabeça, devida ao fantástico Sam Peckinpah, vai chocar tanto quanto as diabruras, também fantásticas, do Zé do Caixão? Posso estar errado, mas esse tipo de reação visa objetos específicos. [...]

Crítica/"A censura parece vitimar somente o imaginário."  
*Folha de São Paulo, 31/08/08*

#### ***Operadores de qualificação:***

Quando processos gramaticais qualificam uma palavra, como, por exemplo, sufixos e prefixos.

(69) [...] Ao contrário de Tsai, cuja obsessão pela incomunicabilidade se expressa na forma de bloqueios interpessoais e espaços inundados, "Serbis" prefere dar um sinal positivo ao que mostra: crianças passeiam de carrinhos e os freqüentadores em busca de sexo convivem abertamente com os moradores do espaço.[...]

Crítica/"Obra de Brillante Mendoza privilegia cinema sensorial"  
*Folha de São Paulo, 26/10/08*

#### ***Pseudo-propriedades:***

Entendemos por pseudo-propriedades dois fenômenos: locuções adjetivas que funcionem como argumento de uma entidade de segunda ordem; orações adjetivas cujos referentes funcionem como argumento da cláusula (externo ou interno), aos quais não conseguimos atribuir características ou qualidades.

(70) Conversa com apresentador de programas populares de TV rendeu ao republicano volumoso cachê, que incluiu 10% dos lucros de publicidade. [...]

Crítica/"Filme mostra 'juízo' de Nixon"  
*Folha de São Paulo*, 11/01/09

Em (70), **apresentador** é um nome deverbal, em que **programas** funciona como argumento do mesmo. Segundo Oliveira (2006), nomes deverbais, assim como verbos, possuem valências que devem ser preenchidas por argumentos. Dessa forma, **apresentador de programas** equivale a **aquele que apresenta programas**, não sendo propriedade referencial do nome, mas um argumento interno (função de objeto direto).

### As propriedades de segunda mão:

Qualificamos propriedades de segunda mão as propriedades que modificam outras. Dessa forma, pertencem à classe dos advérbios. Contudo, não são todos os advérbios modificadores de função adjetiva que podem ser classificados como tais. Para tanto, é necessário que eles funcionem como designadores, tenham função não-avaliativa.

(73) [...] Se não foi a primeira incursão de Claudia Cardinale ao Velho Oeste, "Os Profissionais" (TCM, 20h; classificação indicativa não informada) foi a primeira a fazer barulho. Ela vinha cercada de um grupo de atores de primeiro time: Burt Lancaster, Robert Ryan, Lee Marvin, Ralph Bellamy, Jack Palance etc. A direção era de Richard Brooks e a produção, muito maior do que a habitual para o gênero...]

Crítica/"Faroeste aborda liberdade feminina".  
*Folha de São Paulo*, 02/11/08

## CONSIDERAÇÕES

A pesquisa, em andamento, tem revelado que os encapsulamentos e as atribuições se inserem em diferentes níveis de representação na linguagem: algumas pertencem à esfera pragmática, sendo

de cunho avaliativo; outras, à esfera semântica, de cunho não-avaliativo.

Consideramos que esse novo enfoque tipológico, com base nos princípios da Gramática Discursivo-Funcional, favoreça uma análise mais adequada das atividades de referência, uma vez que fornece ferramentas de distinção entre o que diz respeito à representação objetiva do mundo e o que diz respeito à subjetivação do falante.

Dessa forma, acreditamos que a GDF possa representar uma versão branda da análise da referência, pois não considera “referencial” apenas os elementos que podem ser reconhecidos no mundo extralingüístico (tal qual os estudos lógico-semânticos da referência), nem considera que todos os referentes sejam construídos no discurso (como defendem os estudos sociocognitivistas interacionistas vigentes), mas, sim, que haja referentes de diferentes estatutos: alguns que fazem parte da construção subjetiva do falante, outros que são estereótipos disponíveis no discurso do qual os sujeitos fazem uso quando é necessário.

Por fim, esperamos que a análise textual através de uma linha típica de análise da estrutura lingüística, possa, cada vez mais, estabelecer elos entre texto e gramática, aliança altamente necessária, mas, infelizmente, ainda muito árdua nos territórios lingüísticos.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, A. The major functions of the noun phrase. **In:** SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description. Clause structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. **In:** CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B (Orgs). *Referência Clássicos da Lingüística*. Vol 1 São Paulo: Contexto, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, Charles. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez, 2006.

- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou A fabricação da realidade.* São Paulo: Cultrix, 1985.
- CAMACHO, Roberto G. The Dynamic implementation of non-overt arguments in nominalizations. *Revista Alfa*, volume 51, número 2, 2007.
- CARDOSO, S. H. B. *A questão da referência.* Das teorias clássicas à dispersão dos discursos. São Paulo: Autores Associados, 2003.
- CONNOLLY, John. Context in functional discourse grammar. *Revista Alfa*, volume 51, número 2, 2007.
- CONTE, Maria-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. **In:** CAVALCANTE, M; RODRIGUES, B. (Orgs). *Referenciação Clássicos da Lingüística.* Vol 1. São Paulo: Contexto, 2003.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar.* Part 2: Complex and Derived Constructions. Berlin: Moutin de Gruyter, 1997.
- DONNELLAN, Keith. Reference and definite descriptions. *Philosophical Review* 75, 281-304.
- FURTADO DA CUNHA, M.A; OLIVEIRA, M. R; MARTELOTTA, M. E (orgs.). *Lingüística funcional: teoria e prática.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GARCIA VELASCO, Daniel. Lexical competence in functional discourse grammar. *Revista Alfa*, volume 51, número 2, 2007
- GRAÇA, Adriana S. Referência e denotação. Duas funções semânticas irreduzíveis. *Disputatio: International Journal of Philosophy*, no. 14, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English.* London: Longman, 1989.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar.* New York: Edward Arnold, 1985.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. *Functional discourse grammar.* A typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

- . Studies in functional discourse grammar. *Linguistic Insights* 26. Bern: Peter Lang, 2005.
- . Functional discourse grammar. **In:** *Encyclopedia of language and linguistics*. Vol 4. Oxford: Elsevier, 2006.
- HORKHEIMER, Max. *Teoria crítica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- KEIZER, Evelin. The lexical-grammatical dichotomy in functional discourse grammar. *Revista Alfa*, volume 51, número 2, 2007
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Os atos de linguagem no discurso*. Teoria e funcionamento. Niterói: Eduff, 2001.
- KOCH, Ingedore G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.
- . Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. **In:** ILARI, R. *Sentido e significação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- . *A construção dos objetos-de-discurso*. **In:** Revista Humanitas. Campinas: Unicamp, 2004.
- . *Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial*. **In:** NEGRI, L; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.
- . Referenciação e orientação argumentativa. **In:** KOCH, I; MORATO, E (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- . A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva. **In:** *Revista Investigações*. Recife: UFPE, 2005.
- KOCH, I. G. V.; MARCHUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **In:** *DELTA*. São Paulo: PUC, 1998.
- MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. **In:** GARTNER, E; HUNDT, C; SHÖNBERGER, A (Ed). *Estudos de lingüística do texto*. Frankfurt am Maim: [sn], 1999.

- . O léxico: lista, rede ou cognição social? **In:** NEGRI, L; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. *Sentido e significação*: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.
- . Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **In:** KOCH, I; MORATO, E. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- MODESTO, A. T.T. Abordagens funcionalistas. *Revista Letra Magna*. Ano 03, Nº 4, 1º semestre de 2008.
- MONDADA, L; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. **In:** CAVALGATE, M; RODRIGUES, B (Orgs) *Referenciação. Clássicos da Lingüística*. Vol 1. São Paulo: Contexto, 2003.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- . *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- . *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- OLIVEIRA, Nubiáira F. A estrutura argumental das construções deverbais em –dor. **In:** *Revista Gragoatá*, no. 21, UFF, 2006.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação. A nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RONCARATI, Cláudia; NEVES DA SILVA, Sílvia. *A construção da referência e do sentido: uma atividade sociocognitiva e interativa*. **In:** *Revista Gragoatá*, nº 21, UFF, 2006.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SMIT, Niels; STADEN, Miriam. Representational layering in Functional Discourse Grammar. *Revista Alfa*, volume 51, número 2, 2007.
- SOUZA, E.R.F. Gramática Funcional: Da oração ao discurso. *Revista Eletrônica Domínios da Linguagem*, ano 2, nº 1, 1º semestre de 2008.
- TRAUGOTT, E. On the rise of epistemic meaning in English. *Language*, 65, 1, 1989.